

**COMUNICAÇÃO PROFERIDA PELO DR. JORGE CRUZ MORAIS,
ADMINISTRADOR DA EDP E PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA DE ENERGIA, DURANTE O I CONGRESSO NACIONAL DE
SEGURANÇA E DEFESA, NO DIA 24 DE JUNHO DE 2010**

Energia e Segurança

O sector da energia atravessa um período de mudança que não tem precedentes ao longo das últimas décadas. Esta circunstância tem contribuído decisivamente para que a energia seja um tema central do debate económico, político e social já que está intimamente ligado ao nosso desenvolvimento.

Há dois factores principais que, a meu ver, estão na origem desta fase de mudança: Um está relacionado com o crescimento dos consumos e o outro tem a ver com as emissões de CO₂ e com o seu impacto nas alterações climáticas.

O crescimento dos consumos de energia está essencialmente associado ao crescimento demográfico e ao desenvolvimento económico. O crescimento é particularmente forte em economias em fase de industrialização e intensificação da mobilidade individual.

A globalização tem justamente concorrido para o crescimento acelerado de muitas partes do globo que têm registado elevadas taxas de crescimento do PIB. É o caso do Brasil, da Rússia, da Índia e da China, os chamados BRIC, com taxas de crescimento do PIB em alguns casos superiores a 10% e que, no seu conjunto, têm mais de 2500 milhões de pessoas.

Por outro lado verifica-se ainda um elevadíssimo crescimento demográfico.

No ano 2000 a população do planeta era de cerca de 6 biliões de habitantes e espera-se que este número cresça para cerca de 9 biliões em 2050; um crescimento de 50% do número de pessoas a consumir energia nas suas casas, nos seus escritórios e na sua mobilidade.

O desenvolvimento económico associado ao crescimento demográfico faz com que as previsões mais conservadoras apontem para uma duplicação do consumo de energia em 2050 face a 2000. O consumo poderá mesmo ser maior num cenário de maior crescimento económico.

O crescimento dos consumos de energia traduz-se numa enorme pressão sobre as reservas e sobre os preços dos combustíveis fósseis como aliás já se tem vindo a fazer sentir.

Todas as previsões de médio prazo apontam para valores da ordem dos 100USD por barril longe dos já históricos 20-25 USD por barril dos anos 90 e do princípio deste século.

A queima dos combustíveis fósseis tem como resultado emissões de CO₂, o outro factor determinante em todas as análises sobre o futuro do sector energético.

Independentemente da discussão em torno do impacto das emissões de CO₂ sobre as alterações climáticas, não podemos correr o risco de continuar a emitir para a atmosfera de forma crescente gases com efeito de estufa, sendo por isso imperioso limitar o nível de concentração de CO₂ na atmosfera.

É neste quadro que se procuram e se propõem soluções:

- Eficiência energética como forma de limitar o crescimento de consumos,
- Electrificação do consumo como forma de reduzir o impacto ambiental distribuído,
- Veículos eléctricos para aumentar a eficiência energética e reduzir o impacto ambiental do sector dos transportes.
- Desenvolvimento de energias renováveis, hídrica, eólicas, ondas, solar etc.
- Desenvolvimento de novos projectos nucleares
- Projectos de captura e sequestro de CO₂, etc

A União Europeia estabeleceu metas muito claras e ambiciosas para a redução de emissões, nomeadamente através do estabelecimento de objectivos para eficiência energética e para o desenvolvimento de energias renováveis.

Portugal tem, neste contexto, assumido um papel de liderança no desenvolvimento de uma política energética compatível com os objectivos da união, nomeadamente no que diz respeito à promoção das energias renováveis e à introdução do veículo eléctrico.

Um dos grandes temas actuais de debate diz respeito à escolha do mix energético mais adequado.

Mais adequado significa cumprir, em simultâneo, um conjunto de objectivos. Citando apenas três:

- reduzir emissões,
- apresentar menor custo
- concorrer para aumentar a independência energética e melhorar o saldo da balança comercial

... satisfazendo as necessidades e a variabilidade dos consumos.

O problema é particularmente complexo se atendermos a que os investimentos em meios de produção ou melhor, em meios de transformação de energia, são tipicamente de capital intensivo e de longa duração (20, 50 ou mesmo mais anos). Ou seja, a sua análise pressupõe que se façam juízos de longo

prazo sobre, por exemplo, a evolução dos preços dos combustíveis ou a evolução ao longo do tempo dos custos das diferentes tecnologias.

Não há uma solução única nem uma solução meramente cartesiana. As soluções dependem das nossas perspectivas sobre o futuro, das nossas convicções e, também, das nossas capacidades e competências.

O que não quer dizer, antes pelo contrário, que não sejam decisões informadas.

Uma decisão, que se traduza numa menor exposição aos combustíveis fósseis, pode ter um enorme impacto na economia e na segurança nacional, já que:

- Aumenta a segurança de abastecimento reduzindo a dependência externa,
- Melhora a balança de pagamentos
- Reduz o risco associado ao impacto de eventuais aumentos dos preços do petróleo e dos outros combustíveis fósseis,
- Reduz a exposição da economia e das empresas à volatilidade dos preços dos combustíveis,
- Abre novas possibilidades de desenvolvimento de novas indústrias,

embora, no curto prazo, o desenvolvimento do sistema possa ter alguns custos mais elevados.

São por isso extremamente exigentes os desafios que o sector energético atravessa.

A resposta vai exigir capacidade de antecipação, de inovação e de execução para implementar as mudanças preconizadas, que constituem, em simultâneo, um enorme conjunto de oportunidades para as empresas nacionais participarem activamente neste processo de mudança.